

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Jonathan Benedito Ferreira da Silva

A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NEGRA NO BRASIL

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso). Orientador: Dr. Marcella Beraldo de Oliveira

Juiz de Fora
2024

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **JONATHAN BENEDITO FERREIRA DA SILVA**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201973169A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NEGRA NO BRASIL, desenvolvido durante o período de DATA DO INÍCIO DO TCC 22/04/2022 a 30/08/2024 sob a orientação de Marcella Beraldo, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo o presente.

Juiz de Fora, 30 de Agosto de 2024.

Jonathan Benedito Ferreira da Silva

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NEGRA NO BRASIL

Jonathan Benedito Ferreira da Silva¹

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo realizar uma revisão bibliográfica sobre o tema da violência contra as mulheres negras e, discorre sobre as mazelas e lacunas que possibilitam que essa prática se perpetue até os dias de hoje. A violência contra a mulher negra é uma ocorrência complexa, sendo resultado da interseção entre racismo e sexismo, assim gerando uma forma específica de opressão que é frequentemente invisibilizada pelas políticas públicas. Os estudos apresentados ao longo dos textos mostram que é comum os indivíduos criarem cenários onde pessoas de etnias e raças negras são marginalizadas e estereotipadas de forma que contribuem para a desumanização e a minimização da violência enfrentada por essas mulheres. É importante destacar que essa invisibilidade e a falta de políticas sensíveis ao racismo estrutural agravam a situação vivenciadas por essas mulheres em seu cotidiano.

A autora Ribeiro e Gonzales enfatizam em suas publicações sobre a importância de um feminismo interseccional que reconheça e trate a interação entre raça e gênero para criar políticas públicas eficazes e inclusivas. Logo, é importante integrar essa perspectiva nas políticas públicas, para enfrentar a violência contra mulheres negras de forma adequada. E por fim, é relevante incluir essas mulheres na sociedade através de capacitação de profissionais, acesso efetivo aos serviços, e a coleta de dados específicos. A formulação de políticas deve ser baseada em evidências e revisada continuamente para assegurar que responda às realidades complexas enfrentadas por mulheres negras, promovendo justiça e igualdade de forma abrangente e sensível.

Palavras chaves: Interseccionalidade ; feminismo; desigualdade; racismo; violência; mulheres negras

1. INTRODUÇÃO

A violência contra mulher negra na sociedade brasileira é uma pauta difícil e de várias vertentes, ela está enraizada nas estruturas históricas e sociais do país. Este fenômeno reflete não apenas o sexismo, mas também o racismo estrutural, que se manifesta de forma contundente na vida das mulheres negras. Segundo Silvio de Almeida, a opressão racial está intrinsecamente ligada às dinâmicas de poder e controle social, sendo perpetuada através de instituições e práticas sociais que marginalizam e violentam corpos negros, especialmente os femininos.

Schwarcz e Gonzales, em suas colocações sobre a construção da sociedade brasileira, destacou como o processo da formação da sociedade brasileira, está atrelada ao processo de colonização, que não só escravizou milhões de africanos, mas também perpetuou suas ideologias que desumanizam e subjugam a mulher negra até os dias de hoje. Que são percebidas e vivenciadas nas representações midiáticas, na estrutura econômica e nas políticas públicas, que sempre falhou em proteger e garantir os direitos dessas mulheres.

Djamila Ribeiro, uma das principais vozes e que possui uma grande influência em relação ao tema sobre o feminismo negro brasileiro, enfatizou a necessidade de se compreender a interseccionalidade ao abordar a violência contra a mulher negra. Em seus livros, Djamila fala que é impossível desassociar a questão racial da questão de gênero, pois ambas se entrelaçam e se reforçam mutuamente na opressão das mulheres negras. Com isso a escritora enfatiza que o feminismo tradicional muitas vezes negligencia as especificidades das experiências das mulheres negras, contribuindo para a perpetuação da invisibilidade e a marginalização dessas vozes.

¹ Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Marcella Beraldo de Oliveira.

Kabengele Munanga, renomado antropólogo, aprofunda a discussão sobre o racismo na sociedade brasileira, apontando para a necessidade de uma educação antirracista que desconstrua os estereótipos e preconceitos enraizados. Ele destaca que a violência contra a mulher negra é, em grande parte, um reflexo do racismo que permeia as relações sociais no Brasil, e que para combater essa violência, é necessário um esforço coletivo para desafiar as normas e valores racistas que ainda persistem na sociedade.

Portanto, a violência contra a mulher negra no Brasil não pode ser compreendida de maneira isolada. Ela deve ser analisada à luz das relações históricas de poder, das estruturas sociais racistas e da marginalização contínua das mulheres negras. Ao articular as perspectivas de Silvio de Almeida, Lilia Schwarcz, Djamila Ribeiro, Gonzales e Kabengele Munanga, esta discussão busca oferecer uma compreensão mais profunda e abrangente das raízes e consequências dessa violência, bem como dos caminhos possíveis para seu enfrentamento.

A violência contra a mulher negra é uma realidade que atravessa gerações e reflete as profundas desigualdades sociais, raciais e de gênero presentes no país. Visto que este fenômeno é resultado de um racismo estrutural enraizado nas instituições e práticas sociais, que, combinado com o sexismo, intensifica a vulnerabilidade das mulheres negras. Essa dupla opressão é uma marca do passado colonial brasileiro, que continua a influenciar as relações sociais contemporâneas, evidenciando a necessidade urgente de intervenções específicas e eficazes.

A análise desse problema exige uma compreensão interseccional, como enfatizado por teóricas como Djamila e Gonzales. Elas argumentam que as mulheres negras enfrentam uma sobreposição de discriminações que não pode ser abordada de forma isolada. E que essa violência sofrida pelas mulheres negras é resultado de uma misoginia quanto de racismo, tornando essas experiências distintas e frequentemente negligenciadas pelas políticas públicas tradicionais e pelos movimentos feministas que não consideram o recorte racial na sua pauta.

Ademais, essa violência pode ser entendida como parte de um sistema mais amplo de exclusão social, que afeta os seus direitos básicos de acesso como: acesso à segurança, acesso à educação e acesso à saúde. Silvio de Almeida e Kabengele Munanga destacam que as condições de vida das mulheres negras no Brasil são resultado de um racismo estrutural que as coloca em posições de extrema desvantagem social. E neste contexto ocorre uma intensificação da marginalização, levando essas mulheres à margem da sociedade e, seus direitos mínimos de apoio e proteção são negados.

Portanto, para enfrentar de forma efetiva a violência contra a mulher negra, é de suma importância a criação de políticas públicas bem estruturadas com um olhar atento às especificidades de raça e gênero. A articulação dessas questões é fundamental para garantir que as medidas adotadas sejam realmente inclusivas e capazes de promover justiça e equidade para as mulheres negras. Identificar e reconhecer essa necessidade são um passo muito importante para uma transformação significativa na luta contra a violência e na construção de uma sociedade mais justa para essas mulheres.

E por fim, precisamos entender e analisar de forma crítica os processos de tortura e violência que estes corpos sofrem ao decorrer de suas vidas, como: a violência física e psicológica, na qual diariamente são submetidas. Portanto, o objetivo deste trabalho é expor os diversos ciclos de violência a qual essas mulheres são submetidas, seja, dentro do seu lar ou até nas grandes instituições de poderes. Todo esse processo ocasiona danos irreparáveis tanto psicológicos quanto social para este grupo, o qual sempre foi invisibilizado e negligenciado tanto pela sociedade brasileira, quanto pelos órgãos públicos competentes.

Uma das formas de violência mais comuns praticadas contra as mulheres negras é a questão do abuso sexual. Um levantamento revelou que, no Brasil, Segundo a revista *Correio Braziliense*, as mulheres negras e pardas representaram 75% das vítimas de violência física e sexual. Em algumas regiões do país, elas enfrentam mais que o dobro do risco de sofrer algum tipo de violência em comparação com as mulheres brancas. O estudo foi realizado com mais de 1 milhão de dados do Sinan (Sistema de Informação de Agravos de Notificação) do Ministério da Saúde, abrangendo o período de 2015 a 2022. É importante ressaltar que esses dados se referem às mulheres que buscaram atendimento no SUS (Sistema Único de Saúde).

Inicialmente este primeiro tipo de violência ocorre muitas vezes no âmbito doméstico que cria uma narrativa extremamente complexa. E isto leva para uma discussão extremamente relevante acerca deste tema.

Segundo a Dra Zélia Maria campos, o recorte racial a respeito da violência sexual contra as mulheres Negras é pouquíssimo debatido e explorado pela sociedade. Já que se levamos em consideração todos os dados. Percebe-se que todo tipo de violência física ou psicológica que a mulher negra enfrenta, são reflexos do racismo estrutural.

“No entanto, para que essas políticas públicas sejam eficazes, é fundamental que elas sejam inclusivas, levando em consideração as demandas regionais e enfrentando o desafio de envolver a sociedade no processo de desconstrução dos discursos que mantêm as desigualdades entre os indivíduos. É necessário reconhecer que o combate e a abolição das desigualdades étnico-raciais representam um grande desafio para as políticas públicas. Para isso, torna-se indispensável que essas políticas apontem para reformulação das práticas enraizadas na sociedade brasileira, garantindo o atendimento das necessidades e promovendo o direito à igualdade para parcelas da população que atualmente enfrentam exclusão no país”

Infelizmente, a violência se torna cada vez maior, um exemplo para ilustrar o ocorrido é o caso da influenciadora digital, Bruna Quirino que foi esfaqueada pelo seu marido na cidade de Valinhos, Município do estado de SP.

“Segundo apuração do G1, a Guarda Municipal, que foi a primeira a chegar na ocorrência, afirmou que foi chamada por volta das 23h para atender uma briga de casal, mas quando chegou, os dois já estavam mortos. A ocorrência foi registrada como homicídio, suicídio e violência doméstica.”

A filha do casal que havia escutado toda a discussão naquela noite recebeu uma tentativa de agressão por parte do pai que não teve êxito. Analisando essa situação que vem se tornando cada vez mais comum de ser noticiada na nossa sociedade, é extremamente urgente que a sociedade assuma o compromisso de combater este tipo de violência que está a cada dia mais enraizada na nossa sociedade.

2. Mulher negra, vítima de uma violência dúplice: racial e de gênero

Como foi apresentado no tópico anterior, essas mulheres enfrentam uma forma específica de violência que é tanto racial quanto de gênero, resultando em uma situação de vulnerabilidade ampliada. O racismo e o sexismo se convergem para criar um contexto de opressão multifacetada, onde a violência doméstica e familiar não é apenas um problema de gênero, mas também está profundamente enraizada em questões raciais.

A mulher negra, nesse ambiente, não só é vítima da violência doméstica, mas também enfrenta preconceitos e discriminação racial que agravam sua situação. A interseção dessas duas formas de violência torna a experiência delas mais complexa e muitas vezes invisibilizada, uma vez que as políticas e serviços de apoio frequentemente não consideram essas dimensões combinadas.

Leila Gonzales, na sua obra sobre o "Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira," aborda a relação entre o racismo e sexismo no contexto brasileiro, evidenciando que é necessário realizar uma análise de como o racismo e sexismo se entrelaçam e se amplificam mutuamente na sociedade brasileira. Em seu cotidiano, essas mulheres enfrentam uma combinação específica de discriminação racial e de gênero, que não pode ser compreendida plenamente se considerada de forma isolada.

Portanto, é extremamente importante uma abordagem que reconheça e trate essa dupla opressão, propondo que políticas públicas, serviços sociais e intervenções sejam mais sensíveis às especificidades da violência que as mulheres negras enfrentam. A compreensão e a resposta a essa

realidade exigem uma análise crítica das interações entre gênero e raça, para oferecer suporte e proteção mais eficazes a essas mulheres.

Silvio Almeida, que trabalha com o tema sobre a interseção entre racismo e outras formas de opressão, no livro *"Racismo Estrutural"*, o escritor aborda como o racismo estrutural afeta diversas dimensões da vida das pessoas negras, e como isso se entrelaça com outras formas de violência e discriminação.

"O racismo estrutural não opera de forma isolada, mas interage com outras formas de desigualdade, como a desigualdade de gênero. Para as mulheres negras, isso significa que elas enfrentam não apenas o impacto das desigualdades raciais, mas também a violência de gênero, criando uma experiência única e muitas vezes exacerbada de opressão e discriminação."

(ALMEIDA, Silvio. *Racismo Estrutural*. Editora Pólen, 2018.)

Essa citação destaca a ideia de que o racismo estrutural está ligado a outras formas de desigualdade e violência, resultando em uma experiência complexa para as mulheres negras, que enfrentam uma combinação de discriminação racial e de gênero.

Por fim, a escritora Leila Gonzales, em sua obra sobre o feminismo latino afro-americano, realiza uma análise mais profunda da interseção entre as questões de gênero, raça e classe social em relação a vivência das mulheres afro-latinas e afro-americanas. Seu trabalho referencia como o feminismo pode ser uma ferramenta para entender e combater as desigualdades específicas enfrentadas por essas mulheres, que leva em consideração o local de origem dessa mulher, a autora discorre que a experiência de opressão não pode ser compreendida apenas a partir de uma perspectiva única, mas deve considerar a sobreposição de gênero, raça, e classe social.

2.1. As visões da sociedade sobre a mulher negra: a mulata libidinosa e a preta trabalhadora

A mulher negra é vista sobre a perspectiva social estereotipada, como: a "mulata libidinosa" e a "preta trabalhadora". Essas imagens são construídas e perpetuadas pela sociedade, influenciando a maneira como as mulheres negras são percebidas e tratadas. Este estereótipo representa a mulher negra como algo sensual e promíscua. A imagem da "mulata libidinosa" é ligada a uma sexualidade exagerada e com preceitos, que desumaniza e reduz a mulher negra a um objeto de desejo sexual. E isso, contribui para a objetificação e a exploração, ao mesmo tempo em que minimiza a seriedade da violência que ela vêm sofrendo, que acaba desconsiderando o seu sofrimento como legítimo ou significativo.

Agora o estereótipo acerca da Preta Trabalhadora, por outro lado, associa a mulher negra ao trabalho árduo e à submissão. Ela é vista como alguém que deve ser resistente e robusta, adequada para funções de serviço e trabalho pesado. Este estereótipo ignora a sua individualidade e complexidade, reduzindo-a a um papel de suporte, o que pode levar à desvalorização do seu sofrimento e à falta de reconhecimento das suas necessidades e direitos.

Esses estereótipos influenciam diretamente a forma como as mulheres negras são tratadas, tanto em termos de suas experiências pessoais quanto no acesso a recursos e apoio. A objetificação e a desumanização decorrentes dessas imagens podem dificultar a denúncia e a busca por ajuda em situações de violência doméstica.

O escritor Silvio Almeida, em *"Racismo Estrutural"*, oferece uma perspectiva que complementa e aprofunda a análise dos estereótipos discutidos até então, Almeida argumenta que o racismo estrutural está intimamente ligado à construção e manutenção desses estereótipos:

"Os estereótipos associados às mulheres negras, como a 'mulata libidinosa' e a 'preta trabalhadora', são reflexos de um sistema que perpetua desigualdades e injustiças. Esses estereótipos não apenas reforçam a opressão racial, mas também limitam as formas como essas mulheres podem ser

vistas e tratadas pela sociedade. O racismo estrutural se manifesta na maneira como essas imagens são usadas para justificar e legitimar a exploração e a violência contra elas."
(ALMEIDA, *Silvio. Racismo Estrutural. Editora Pólen, 2018.*)

Almeida destaca que esses estereótipos não são meramente representações culturais, mas estão profundamente enraizados em uma estrutura de poder que sustenta e reproduz a desigualdade racial e de gênero. A maneira como a sociedade percebe a mulher negra, através desses estereótipos, contribui para a manutenção de um ciclo de opressão, onde a violência e a exploração são minimizadas e invisibilizadas.

Portanto, o trabalho de Almeida reforça a necessidade de compreender essas representações não apenas como preconceitos individuais, mas como partes integrantes de um sistema maior de desigualdade que precisa ser abordado para enfrentar efetivamente a violência contra as mulheres negras.

2.2. A relação entre mulheres negras e o alto índice de estupro no país

As perspectivas sobre a relação entre mulheres negras e o alto índice de estupro no Brasil revelam diversos pontos cruciais para entendermos e relacionarmos o porque do alto índice de estupro no país está correlacionado com a mulher negra, os principais aspectos são, como a: Vulnerabilidade e Desigualdade; Visibilidade e Invisibilidade; Racismo e Estereótipos; Falta de Políticas Eficazes; entre outras questões. Portanto, pode-se, perceber que as mulheres negras são desproporcionalmente mais vulneráveis ao estupro e à violência sexual devido aos vários fatores que foram citados acima, o que chama atenção para o aumento no índice é às desigualdades estruturais e raciais presentes na sociedade, que contribuem para a marginalização e a pobreza dessas mulheres negras, e assim contribuindo para uma maior exposição a situações de violências tanto dentro de casa, como nas ruas.

Além disso, é de suma importância a discussão da invisibilidade que essa mulher sofre em relação ao alto índice de estupro no país, é conhecido por todos que quando há ocorrência de casos envolvendo mulheres negras, sempre há uma relativização dos casos, em alguns casos a vítima ainda sai como culpada, seja pela "mal escolha do companheiro"; seja pelo questionamento em relação a sua vestimenta na hora da ocorrência do crime; ou até mesmo o que essa mulher "estava querendo ao andar tarde da noite em uma rua deserta" entre outros fatores e situações que a vítima tem que escutar e vivenciar no seu cotidiano.

Um caso marcante e atual que ocorreu recentemente foi o caso de uma menina de 10 anos que foi violentada pelo tio, e de forma criminoso, teve a sua identidade revelada na internet após o ocorrido, logo, a vítima sofreu diversos ataques, tanto pessoalmente, quando ela foi realizar o aborto no hospital de forma legalizada pela justiça brasileira, conservadores foram à porta do hospital e realizaram diversos xingamentos direcionados a menina, associando o seu ato com um ato criminoso, assim, nesse caso a vítima teve suas dores relativizadas, insinuando que a menina não procurou ajuda antes porque gostava da situação. A matéria teve uma grande comoção no país e serviu de palco para a discussão da legalização do aborto no Brasil. Um ponto importante sobre esse crime cruel vivido por essa menina, deve-se analisar criteriosamente do porque a temática do aborto legal que essa menina iria realizar chamou mais atenção do que os diversos crimes sofridos por uma criança de apenas 10 anos de idade? Isso reitera novamente todos os aspectos citados acima. Um cenário que contribuiu para a desumanização dessa criança e a falta de um olhar empático sobre os diversos crimes que o seu tio praticou em relação a menina.

As experiências dessas mulheres são frequentemente minimizadas ou não recebem a devida atenção nas discussões públicas e nas políticas de proteção. Isso abre preceitos para discutir como os estereótipos raciais e sexistas, como a ideia da mulher negra como hipersexualizada, podem influenciar a percepção e o tratamento das vítimas de violência sexual. Esses estereótipos contribuem para a desumanização e para a falta de empatia e suporte adequado às vítimas.

E por fim, a pesquisa sugere que as políticas públicas e os sistemas de justiça muitas vezes falham em abordar as especificidades da violência contra mulheres negras, refletindo uma falta de sensibilidade às interseções entre racismo e sexismo. Essas perspectivas destacam a necessidade urgente de políticas mais inclusivas e sensíveis à realidade das mulheres negras para enfrentar e reduzir os índices de violência sexual.

3. O Feminismo e a importância do recorte étnico e racial acerca do tema

O feminismo é um movimento essencial na luta pela igualdade de gênero, mas sua eficácia e alcance são ampliados quando se leva em consideração o recorte étnico e racial. A violência sofrida pela mulher negra exemplifica a importância de integrar uma inclusão de um recorte racial no feminismo porque, para ser verdadeiramente inclusivo e eficaz, deve levar em consideração a interseção entre o recorte étnico e racial, porque a experiência dessas mulheres não pode ser plenamente compreendida sem considerar as interseções entre racismo e sexismo.

Os autores Gonzales, Lilia Schwarcz e Kabengele Munanga possuem uma visão aprofundada sobre como o racismo estrutural e os estereótipos raciais impactam a violência contra a mulher negra. O Gonzales destaca que a violência contra as mulheres negras é frequentemente exacerbada por desigualdades estruturais que não são completamente abordadas pelas políticas convencionais. Ele sublinha que essas mulheres enfrentam formas específicas de violência que são invisibilizadas pela falta de uma abordagem sensível ao racismo.

Por outro lado a escritora, Lilia Schwarcz analisa como a construção social da identidade racial e a perpetuação de estereótipos afetam a percepção e o tratamento das mulheres negras. Schwarcz argumenta que o racismo histórico e cultural contribui para a desumanização das mulheres negras, minimizando a seriedade de suas experiências de violência.

E Por fim, Kabengele Munanga aborda como o racismo estrutural e as dinâmicas sociais em um país como o Brasil cria um cenário onde a violência contra mulheres negras é não apenas uma questão de gênero, mas também de raça. Munanga enfatiza que a interseção dessas opressões resulta em uma experiência única e frequentemente marginalizada.

4. A Importância do Debate: A Contribuição de Djamila Ribeiro

A filósofa e ativista Djamila Ribeiro é uma voz crucial quando o assunto é sobre o debate do feminismo e racismo no Brasil. Na sua obra, em "*O que é lugar de fala*", a autora destaca a importância de reconhecer e validar as experiências de mulheres negras dentro do movimento feminista:

“O feminismo que não considera a interseccionalidade de raça, classe e gênero é limitado e não pode responder de maneira adequada às complexas realidades das mulheres negras. Para enfrentar a violência de forma eficaz, é essencial reconhecer como o racismo e o sexismo se entrelaçam e criar políticas que abordem essas interseções.” (Ribeiro D. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento; 2017. (Feminismos plurais))

Djamila argumenta que o feminismo deve incorporar uma análise interseccional para ser verdadeiramente inclusivo e eficaz. Ela destaca que a visibilidade das mulheres negras e a inclusão de suas experiências são fundamentais para a construção de um movimento feminista que promova justiça e igualdade para todas as mulheres. Reconhecer e incluir as mulheres negras nessas pautas é essencial para um movimento feminista mais abrangente e eficaz.

5. Pensando em uma política pública feminista e com recorte racial

Primeiramente, para iniciar a discussão acerca das políticas públicas voltadas às mulheres negras, é fundamental considerar a complexidade e a interseccionalidade das questões envolvidas como foi abordado nos tópicos anteriores.

As Políticas públicas devem reconhecer e abordar a interseccionalidade de gênero e raça. E a violência contra mulheres negras não pode ser vista apenas como um caso isolado em relação aos problema de gênero ou de raça, mas sim, compreender que essa questão é uma interseção de várias formas de opressão sofrida por essas mulheres. Portanto, é crucial que essas mulheres tenham seus direitos que são assegurados pela constituinte de serem escutadas e amparadas da forma mais digna que elas possam merecerem, além disso é importante garantir que essas mulheres negras sejam representadas na formulação e implementação de políticas públicas por profissionais criteriosos que entendem sobre essa temática.

A formação de profissionais e a sensibilização sobre a violência específica enfrentada por mulheres negras são essenciais para melhorar a eficácia das políticas e serviços e abrir espaços para discussão, como: Que tipos de formação e capacitação são necessários para os profissionais de saúde, segurança e justiça? Como garantir que esses profissionais estejam cientes e sejam sensíveis às questões interseccionais que afetam as mulheres negras?

é de suma importância que essas vítimas tenham acesso e sejam incluídas nos debates. Políticas públicas devem garantir que mulheres negras tenham acesso efetivo aos serviços de apoio e proteção, assim a criação de políticas específicas que abordem a violência contra mulheres negras deve ser uma prioridade. A coleta de dados desagregados por raça e gênero é crucial para entender a extensão e a natureza da violência contra mulheres negras e para formular políticas, pensando em perspectivas para futuras discussões, como: Como melhorar a coleta e a análise de dados sobre violência contra mulheres negras? Que tipo de pesquisas são necessárias para preencher lacunas de conhecimento e informar a formulação de políticas?

A educação pública e a conscientização sobre as questões enfrentadas por mulheres negras podem ajudar a combater estereótipos e preconceitos, promovendo uma maior compreensão e apoio social. A discussão sobre políticas públicas voltadas para mulheres negras deve ser ampla e multidimensional, refletindo a complexidade das questões interseccionais que elas enfrentam. Considerar essas dimensões é essencial para garantir que as políticas sejam justas, eficazes e verdadeiramente inclusivas. A inclusão ativa das mulheres negras nos processos de formulação e avaliação de políticas, bem como a implementação de estratégias específicas para enfrentar suas necessidades, são passos cruciais para a promoção da equidade e da justiça.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS COM PERSPECTIVAS FUTURAS

Portanto, pode-se, pois concluir que diante de tudo que foi exposto, entende-se que há uma complexidade para discussão da violência contra a mulher negra na sociedade brasileira, é evidente a urgência de políticas públicas que abordem não apenas a questão de gênero, mas também o recorte racial e étnico. Por isso, deve-se levar em consideração as temáticas sobre o racismo e sexismo em relação às mulheres negras na sociedade contemporânea, com o intuito de construir políticas públicas eficientes para o combate de qualquer forma de violência, invisibilidade, racismo, diferentes formas de desigualdades com as mulheres negras na sociedade, assim traçando estratégias que verdadeiramente enfrentam a violência e promovam um país equitativo e justo.

Uma escritora relevante no cenário quando o assunto se trata sobre, a violência contra a mulher negra é a escritora, Gonzales, em suas obras, ela destaca a importância da criação de estratégias para unir essas mulheres que estão a margem da sociedade, com o intuito de elaborar diferentes planos para que essas mulheres consigam resistirem à luta árdua pelo seus direitos e, com uma perspectiva futura de conquistar a promoção de uma maior igualdade social.

Contudo, ao decorrer do texto, percebe-se que uma das principais iniciativas deve ser o fortalecimento das políticas de combate ao racismo estrutural, que se manifesta nas diferentes esferas da vida social, incluindo o acesso à saúde, educação, emprego e segurança. As políticas

públicas devem ser arquitetadas de maneira que consigam atender as especificidades de cada mulher, além disso, é de suma importância que órgão público competente firme com essas mulheres e com a sociedade um compromisso de punir os agressores e, criar rotas estratégicas para proteger de forma mais humanizada e empática as vítimas, com medidas, como: a ampliação dos serviços de atendimento especializados, como delegacias da mulher com enfoque racial; casas de acolhimento e assistência jurídica gratuita; além de treinar os profissionais para enfrentar essas situações de forma serena e crítica, ensinando a identificar casos, como abordar essas vítimas, como deve ser feito as coletas de dados, entre outras medidas que sejam importante para a formação desse profissional.

Além disso, é essencial a promoção da educação antirracista e feminista na sociedade brasileira, que priorize a desconstrução de estereótipos e preconceitos sobre as mulheres negras, com o intuito de “cortar na raiz” preceitos que sustentou/sustenta a violência contra essas mulheres na sociedade brasileira. Por isso, traçar planos para inserir essa temática no currículo escolar tanto na formação de jovens e adolescentes, como na formação continuada de professores e pedagogos, são passos importantes nesse processo na luta contra a erradicação da violência contra a mulher preta na sociedade brasileira. Segundo Kabengele Munanga, a educação tem um papel central na transformação das mentalidades e na construção de uma sociedade mais justa e igualitária, capaz de reconhecer e valorizar a diversidade étnico-racial.

Outro ponto crucial a ser discutido, é a participação política das mulheres negras. A presença de mulheres negras em espaços de poder e decisão, é fundamental para que as demandas que essas mulheres precisam sejam ouvidas e atendidas de forma a contribuir para essa luta. Atualmente, de forma separada, temos inserido como lei, o número mínimo de candidatas mulheres e de pessoas negras na corrida eleitoral, mas essa inserção é realizada de forma isolada, não leva em consideração o recorte de forma convergente entre o étnico, racial e de gênero, como já foi visto no texto acima, é de extrema importância a criação de uma lei voltada para o incentivo de Políticas à participação de mulheres negras, e passem a incluir cotas raciais e de gênero de forma convergentes, para que assim possam contribuir para o fortalecimento das lideranças femininas negras, e por conseguinte a luta contra a violência que essas mulheres sofrem, assim garantindo que elas ocupem posições estratégicas na formulação e implementação de políticas públicas. Segundo Djamilia Ribeiro, é importante a construção de uma democracia mais representativa, onde as vozes das mulheres negras sejam centrais na luta por direitos e justiça social.

Além de políticas específicas, é necessário promover uma articulação entre diferentes esferas do governo e da sociedade civil para enfrentar a violência contra a mulher negra de forma integrada. Isso inclui a criação de fóruns permanentes de diálogo e monitoramento, onde as políticas públicas possam ser continuamente avaliadas e aprimoradas com a participação ativa de movimentos sociais e organizações de mulheres negras. A integração entre políticas de saúde, assistência social, segurança e justiça é essencial para garantir uma resposta eficaz e coordenada à violência.

Com essas medidas, o país caminhará para “libertação” acerca da cultura colonialista que se perpetua até os dias de hoje, como abordada por Gonzales, uma cultura que influencia a exploração e a marginalização de negros e negras no Brasil, criando e se perpetuando estereótipos negativos sobre as mulheres negras. Criando uma imagem que as reduzem a papéis subalternos, o que contribui para sua desumanização e a sua marginalização. Por isso é preciso unir forças e dar passos largos rumo à erradicação da violência contra a mulher no país.

REFERÊNCIAS

- Alma preta. **Influenciadora negra é assassinada pelo marido em SP**. < Disponível em: <https://almapreta.com.br/sessao/cotidiano/influenciadora-negra-e-vitima-de-feminicidio-por-parte-do-companheiro/> > Publicado em 6 de setembro de 2021. Acessado em: 15/04/2024.
- Correio brasileiro. **PL do aborto e a revitimização de meninas e mulheres negras**. Disponível em: <https://www.correiobrasiliense.com.br/opiniaio/2024/06/6882810-pl-do-aborto-e-a-revitimizacao-de-meninas-e-mulheres-negras.html> > postado em 22/06/2024.
- GONZALES, Leila. **RACISMO E SEXISMO NA CULTURA BRASILEIRA**1. In: Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984, p. 223-244. . Encontro Anual da Associação Brasileira de Pós-graduação e Pesquisa nas Ciências Sociais. s, Rio de Janeiro, 31 de outubro de 1980.
- JIMÉNEZ, Carla. **Menina de 10 anos violentada faz aborto legal, sob alarde de conservadores à porta do hospital**. Pelo jornal: EL PAÍS. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-08-16/menina-de-10-anos-violentada-fara-aborto-legal-sob-alarde-de-conservadores-a-porta-do-hospital.html>> Acessado
- Magalhães, Thowanne.**VIOLÊNCIA CONTRAAS MULHERES NEGRAS: UMA ANÁLISE INTERSECCIONAL ACERCA DAS CATEGORIAS RAÇA E GÊNERO**.Publicado em 2022. Artigo científico elaborado como Trabalho de Conclusão de Curso, requisito para obtenção do diploma de graduação Acessado em: 22/05/2024.
- Munanga, Kabengele. **"Sobrevivendo em um País Racista: O Que Dizer da Identidade Negra no Brasil"**. Editora Ática, 2010.
- Ribeiro D. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento; 2017. (Feminismos plurais)
- Novaes, Mariana. **"É preciso discutir por que a mulher negra é a maior vítima de estupro no Brasil"**. Disponível em: > Publicado em 23 de julho de 2016 em São Paulo. Acessado em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/07/14/politica/1468512046_029192.html 22/02/2024.
- Oliveira, Milena de Cássia Silva de. **Violência Doméstica E Familiar Praticada Contra As Mulheres Negras**. 2013.
- Paulo, paiva.**Meninas negras de até 13 anos são maiores vítimas de estupro no Brasil; crime cresceu 91,5% em 13 anos**. < Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2024/07/18/meninas-negras-de-ate-13-anos-sao-maiores-vitimas-de-estupro-no-brasil-crime-cresceu-915percent-em-13-anos.ghtml> > 18/07/2024 10h00 Atualizado há um mês. Acessado: 02/08/24
- Schwarcz, Lilia Moritz. **"O Espelho de Borges: Reflexões sobre o Brasil e seus Outros"**. Companhia das Letras, 2017.
- Schwarcz, Lilia Moritz. **"Retratos Imorais: A Representação da Mulher Negra no Brasil"**. Editora Senac São Paulo, 2009.